



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

A LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR E A UTILIZAÇÃO DE ADAPTAÇÕES  
EM CORDEL DE CLÁSSICOS DA LITERATURA

César Augusto de Almeida Pereira

Rio de Janeiro

2024

CÉSAR AUGUSTO DE ALMEIDA PEREIRA

A LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR E A UTILIZAÇÃO DE ADAPTAÇÕES  
EM CORDEL DE CLÁSSICOS DA LITERATURA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação Português-  
Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinícius Scheffel

Rio de Janeiro

2024

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

CÉSAR AUGUSTO DE ALMEIDA PEREIRA

DRE: 116021471

### A LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR E A UTILIZAÇÃO DE ADAPTAÇÕES EM CORDEL DE CLÁSSICOS DA LITERATURA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Literaturas.

Data de avaliação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcos Vinícius Scheffel (Orientador)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Faculdade de Letras

---

Agatha Ribeiro Krauss

Secretária Municipal de Ensino do Rio de Janeiro

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus e a todos espíritos protetores que me acompanharam e me guardaram nesta jornada de Campo Grande à Ilha do Fundão.

Agradeço a meus pais, que dentro do processo da minha criação nunca mediram esforços para incentivar meus estudos, apesar de poucos recursos financeiros.

A todos os professores que me auxiliaram, sobretudo a Luiza Puntar e meu orientador Marcos Scheffel, que foram essenciais para meu aprendizado e desenvolvimento durante o curso.

A Tiago Nascimento por desatar os nós do ambiente acadêmico e auxiliar um jovem calouro.

E, por último, agradeço à minha noiva Fernanda Soares por toda palavra de amor com seu apoio para que eu concluísse a graduação e seguisse meu sonho.

“Recomece, se refaça,  
relembre o que foi bom,  
reconstrua cada sonho,  
redescubra algum dom,  
reaprenda quando errar,  
rebole quando dançar,  
e se um dia, lá na frente, a vida der uma ré,  
recupere sua fé e recomece novamente.”

Bráulio Bessa

## RESUMO

O presente trabalho busca abordar a questão da leitura no ambiente escolar e a utilização de adaptações em cordel de clássicos da literatura em sala de aula, sobretudo no ensino fundamental. Objetiva-se apresentar a proposta da escola acerca da leitura segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e como o professor de literatura deve estimular esta prática em prol de formar um sujeito-leitor e um cidadão. Demonstra-se como a leitura deve ser dinâmica e participativa, divergindo de um modelo conteudista tradicional do ensino. Apresenta-se um panorama geral do que é a literatura de folhetos do Nordeste do Brasil e a diferencia dos cordéis portugueses, tendo como referência trechos da obra *Histórias de Cordéis e Folhetos* de Márcia Abreu (1999). Discute-se como este gênero é importante para difundir a cultura brasileira e, principalmente, nordestina, sendo uma manifestação artística da cultura popular. Este trabalho traz à tona o conceito de letramentos multissemióticos de Roxane Rojo (2009), que reforça a necessidade contemporânea de se explorar outras semioses do texto que não somente a escrita, para apresentar atividades de oficinas de cordéis, onde os alunos podem desenvolver não somente seus conhecimentos linguísticos, mas também criativos e imagéticos ao articular diferentes formas de linguagem para gerar significados.

Palavras-chave: Literatura de Cordel, Adaptação Literária, Letramentos Multissemióticos.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Folhetos portugueses expostos na Fundação Casa de Rui Barbosa .....	16
FIGURA 2 - Folheto de Leandro Gomes de Barros publicado em 1906 .....	18
FIGURA 3 - Coleção Clássicos em Cordel, por Valquíria Valhall .....	21
FIGURA 4 - Sebastião da Silva segurando viola .....	22
FIGURA 5 - Romeu e Julieta em Cordel .....	27

## SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	6
1 INTRODUÇÃO .....	7
2 A PROPOSTA DA ESCOLA E A LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR .....	9
2.1 A BASE TEÓRICA SOBRE A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	9
2.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO .	11
2.3 OS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO-LEITOR.....	13
3 A LITERATURA DE CORDEL E AS ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS .....	15
3.1 CONTEXTO GERAL SOBRE A ORIGEM DO CORDEL.....	15
3.2 LITERATURA DE CORDEL COMO ADAPTAÇÃO DE CLÁSSICOS.....	19
4 UTILIZAÇÃO DE ADAPTAÇÕES EM CORDEL NA SALA DE AULA .....	23
4.1 A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NAS ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS .....	23
4.2 PROPOSTAS DE ATIVIDADES EM CORDEL .....	25
4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	28
REFERÊNCIAS .....	29



## 1 INTRODUÇÃO

A leitura literária no ambiente escolar é de vital importância para a formação do cidadão crítico. Através dos textos apresentados em sala de aula, o aluno desenvolve não somente seu conhecimento lexical, mas também aprende a retirar os “invisíveis” do texto, exercitando sua imaginação e a capacidade de realizar inferências. Além disso, a prática constante da leitura estimula o pensamento autônomo, levando o estudante a questionar e a refletir sobre diversas questões sociais e culturais. Um bom leitor pode se sobressair na vida adulta ao passo que a leitura está diretamente associada às atividades do cotidiano. A capacidade de interpretar diferentes gêneros textuais pode permitir que o indivíduo se torne mais apto a enfrentar desafios, resolver problemas e participar de debates públicos. Por isso, a promoção da leitura crítica na escola é fundamental para a construção de uma sociedade mais consciente e participativa.

O professor, junto com a família, é uma das principais figuras para tornar a leitura um hábito e muitas vezes se depara com o desafio de desconstruir barreiras impostas ao ato de ler um romance ou um conto. Muitos alunos já chegam no ambiente escolar com bloqueios aos textos apresentados, onde a falta de afinidade cria uma espécie de resistência, considerando um determinado texto ou autor “chatos” antes mesmo de darem oportunidade à prática da leitura. Nesse sentido, cabe ao professor a missão de apresentar estratégias criativas e envolventes que despertem o interesse dos alunos, como a contextualização dos temas à realidade deles ou a utilização de adaptações literárias para aproximar o conteúdo escolar do seu universo. A parceria entre escola e família é essencial para reforçar o valor da leitura não só como uma obrigação escolar, mas como uma atividade prazerosa e enriquecedora para a vida pessoal. O envolvimento dos pais no incentivo à leitura pode ser o diferencial para que o estudante supere essas barreiras iniciais.

É importante que saibamos encontrar um meio-termo entre a necessidade de se abordar determinada obra e a afinidade que a mesma terá com os alunos. Há diversos textos de interesse dos jovens e que são dotados de vastos conteúdos a serem explorados em sala de aula, como adaptações de clássicos literários, versões atualizadas com vocabulário adaptado para os dias atuais ou até mesmo a opção por obras contemporâneas. A flexibilização das abordagens pedagógicas pode ajudar a tornar o conteúdo mais acessível, como a utilização de projetos interdisciplinares que relacionem a obra literária a outras áreas do conhecimento. Em muitos casos, o professor não dispõe de tempo necessário para abordar com qualidade um romance em um ano letivo e também enfrenta resistência dos alunos, onde esta atividade se torna

rapidamente objeto de desinteresse. Uma possível solução é fragmentar a obra em trechos mais curtos e significativos, permitindo que o aluno tenha contato com passagens importantes sem se sentir sobrecarregado. Outra estratégia eficaz é promover discussões em grupo ou debates sobre temas centrais do livro, o que pode engajar os alunos de forma mais ativa e participativa.

Neste trabalho foi determinada uma abordagem qualitativa para se discutir o lugar do professor como mediador de leitura dentro de uma sala de aula, bem como apresentar a utilização de adaptações em cordel de clássicos da literatura. Para isso, foi escolhido destacar em sua primeira parte alguns trechos do que diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) acerca das atividades de leitura no ensino fundamental – ciclo estudantil onde o cordel se apresenta como uma proposta mais viável – servindo, portanto, como ponto de partida para guiar as atividades do professor; referências teóricas para enfatizar a importância da leitura na formação do cidadão e; em contrapartida, apresentar dificuldades sociais que um professor se defronta ao optar por trabalhar um romance dentro de sala de aula.

Já na segunda parte deste trabalho, aprofunda-se no que é, de fato, a literatura de cordel, trazendo características do gênero, sua origem no Brasil, o contexto social destes textos e das xilogravuras, os principais autores brasileiros e o mercado editorial; apresenta-se, também, o cerne deste trabalho, que são as adaptações em cordel de grandes clássicos da literatura brasileira e mundial. Além disso, discute-se como o cordel se consolidou como um veículo de difusão cultural especialmente no Nordeste brasileiro, sendo utilizado para abordar temas cotidianos, históricos e, mais recentemente, literários.

Ademais, na terceira parte deste estudo, foi escolhido sugerir propostas de atividade em cordel dentro do contexto escolar, com a leitura de adaptações e discussão acerca da intertextualidade presente entre estes intertextos e os clássicos que serviram de sua inspiração; e a possibilidade de elaboração de oficinas, explorando o gênero multissemiótico devido às combinações entre elementos literários e artísticos. Quando somados, esses elementos não apenas estimulam a prática da leitura – campo de estudo deste trabalho – mas também a capacidade criativa e imagética do aluno. Propõe-se ainda que os alunos experimentem a criação de seus próprios cordéis, incentivando o desenvolvimento da expressão escrita e o aprofundamento do conteúdo literário de forma mais dinâmica e participativa. Essas atividades visam integrar a literatura de cordel ao currículo escolar de maneira lúdica, ampliando as formas de interação com a leitura e a escrita.

## 2 A PROPOSTA DA ESCOLA E A LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR

### 2.1 A BASE TEÓRICA SOBRE A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assume o texto – e suas respectivas relações – como instrumento central para desenvolvimento de habilidades linguísticas no ensino fundamental. Para isso, percebe-se uma abordagem sociocognitiva ao passo que os alunos devem compreender as linguagens como construções humanas, históricas, sociais e culturais. A linguística cognitiva dedica-se à compreensão e interpretação que os seres humanos têm do mundo, focalizando principalmente a análise semântica e dos significados, em contraste com a descrição linguística ou a gramática, embora os conhecimentos sobre norma-padrão devam ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura. Nesse contexto, o ensino da leitura deve ir além da mera decodificação, promovendo a formação de leitores críticos, capazes de interpretar e produzir sentido de maneira reflexiva. A BNCC reforça a importância de trabalhar diferentes gêneros textuais e suas especificidades, a fim de ampliar o repertório cultural e linguístico dos alunos.

É de vital importância que o professor saiba abordar em suas atividades as diferentes formas de manifestações linguísticas já consagradas nos documentos curriculares. Para tal, as práticas de linguagem se representam de diversas formas, ao passo que desenvolvem a oralidade; leitura e escuta de textos literários ou não; produção escrita e; análise linguística. Segundo a BNCC (BRASIL, 2018), o eixo leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação. O professor, portanto, deve criar estratégias que possibilitem o envolvimento do aluno com esses diferentes tipos de texto, promovendo o desenvolvimento de habilidades interpretativas e críticas. Além disso, o trabalho com textos multissemióticos contribui para a formação de leitores mais versáteis, capazes de compreender e produzir sentidos em diferentes esferas sociais e culturais.

O conceito de textos multissemióticos se relaciona com a necessidade contemporânea de se conhecer e explorar outras semioses do texto que não somente a escrita. Segundo Rojo (2009), o conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos estão ficando cada vez mais necessários no uso da linguagem por causa dos avanços tecnológicos. Esta característica se reflete também na literatura, tendo em vista que a adaptação que o texto eletrônico nos exige proporciona a necessidade de se relacionar o texto escrito com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem. O leitor contemporâneo espera

uma interação mais rica e complexa com o texto, envolvendo diferentes mídias e formas de expressão. Isso ressalta a importância da alfabetização multissemiótica para uma melhor compreensão e criação de textos no mundo atual.

A BNCC compreende leitura em um sentido amplo, não somente se restringindo ao texto escrito. O professor deve apresentar imagens estáticas – como fotos, pinturas, desenhos; em movimento – como vídeos e filmes e; ao som – como em músicas ou poesias cantadas. É necessário considerar a diversidade cultural, de forma a abranger diversos tipos de produções literárias e expressões artísticas. A inclusão de textos multissemióticos possibilita aos alunos uma compreensão mais ampla das diferentes formas de comunicação e expressão, incentivando o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas. Por haver uma grande variedade de gêneros disponíveis para serem trabalhados, cabe ao professor definir quais estratégias e procedimentos utilizar, de forma que possibilite uma leitura autônoma em relação a temas familiares.

O professor como mediador de leitura é responsável por estabelecer uma concepção interacional da leitura entre autor-texto-leitor. Segundo Koch (2015), a leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. Desta forma, muito além da compreensão do código linguístico, o leitor precisa ser apto a captar os “invisíveis” do texto em um processo de inferência, levando em consideração seu conhecimento de mundo e as intenções do autor. Esse processo interativo exige que o professor crie condições para que os alunos desenvolvam habilidades de análise crítica e reflexiva, facilitando a compreensão de contextos mais amplos e a construção de significado a partir das múltiplas camadas do texto. O mediador deve, portanto, promover práticas que estimulem o engajamento dos alunos com o texto e a reflexão sobre o papel do autor e suas escolhas estilísticas.

Diante de uma leitura compartilhada, é recomendável que o professor crie expectativas sobre o que será lido antes mesmo do início da atividade, a conhecida pré-leitura. A formulação de pressuposições e palpites sobre o que será apresentado baseado no título de um texto ou na capa de um livro, por exemplo, desperta inicialmente a curiosidade de descoberta daquela informação. Desta forma, o aluno já prepara mentalmente um processo de inferência daquilo que será apresentado, o que promove um distanciamento da prática de leitura como simples decodificação do código linguístico. Além disso, envolver os alunos em discussões sobre suas expectativas e hipóteses contribui para a construção coletiva do sentido

do texto. Neste processo, é de extrema importância dar voz aos alunos para que a prática da leitura em voz alta seja acompanhada pelos demais, proporcionando um sentimento de coparticipação deste leitor e incentivando a troca de interpretações e opiniões, enriquecendo a experiência de leitura.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018), as habilidades não são desenvolvidas de forma genérica e descontextualizada, mas por meio da leitura de textos pertencentes a gêneros que circulem nos diversos campos de atividade humana. A demanda cognitiva das habilidades de leitura deve se ampliar, progressivamente, ao passo que desenvolvam recuperação de informação do texto; processos de compreensão e reflexão do texto e; relações com textos do mesmo campo semântico. A complexidade da leitura deve ser aprimorada de forma que se utilizem diferentes estruturas sintáticas, vocabulários e recursos estilísticos. Isso implica em um aprofundamento contínuo nas práticas de leitura que permita aos alunos se engajarem com textos cada vez mais complexos e diversificados, refletindo sobre o contexto e o propósito comunicativo de cada gênero textual. Além disso, o desenvolvimento dessas habilidades deve promover uma análise crítica e comparativa entre textos, preparando os alunos para interpretar diferentes formas de escrita e estilos de linguagem.

A prática da leitura envolve uma interação complexa entre vários fatores, que contribuem para o efetivo "ato de ler". É importante destacar que aspectos psicológicos e pedagógicos devem ser considerados nesse processo, como as emoções e motivações do leitor, além das estratégias de ensino aplicadas. Assim, uma abordagem equilibrada que integre diversas linhas teóricas é necessária para enfatizar não apenas um único objetivo, mas sim compreender e interpretar o texto de forma abrangente, explorando todas as informações que ele contém. Essa integração de fatores permite que o leitor desenvolva habilidades de análise crítica e contextualização, promovendo uma compreensão mais profunda e enriquecedora do material lido.

## 2.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO

A leitura no Brasil há cerca de cem anos era uma atividade destinada somente a um grupo que tivesse uma determinada condição social. Este privilégio com a chegada da Segunda Revolução Industrial precisou ser transferido também para os operários devido a necessidade de saberem ler para aprender a manejar as máquinas das indústrias. Entretanto, a leitura literária sofreu – e ainda sofre – resistências para se tornar uma atividade democrática. No contexto atual, apesar de ainda haver um evidente cenário de desigualdade socioeconômica, felizmente

esta prática é mais difundida com bibliotecas em escolas públicas e diversas obras em domínio público através da internet. A leitura se configura como um dos principais exercícios ao desenvolvimento linguístico e social, onde além de adquirir conhecimento e informações, o aluno, através do texto literário, pode desenvolver sua imaginação e ampliar sua visão de mundo por meio de personagens que de certa forma representam realidades do cotidiano.

Segundo Rojo (2009), um dos objetivos principais da escola é possibilitar que seus alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática, e que sejam multiculturais em sua cultura e políglotas em sua língua. Um aluno se desenvolve como leitor crítico de forma que, no processo de leitura, ele seja capaz de extrair do texto suas finalidades, intenções e ideologias. A escola deve adotar um modelo discursivo, em contrapartida a uma abordagem formal conteudista, ao passo que apresenta textos que dialoguem com questões relevantes ao desenvolvimento crítico do aluno e o convide a refletir sobre aspectos políticos, filosóficos, sociais e culturais. Além disso, o ambiente escolar deve fomentar discussões que estimulem a análise das diversas perspectivas presentes nos textos, incentivando o aluno a se posicionar e a construir seu próprio entendimento crítico sobre o mundo. Essa abordagem contribui para a formação de leitores mais conscientes e engajados com as realidades que os cercam.

Ser um leitor crítico é, acima de tudo, analisar aquilo que se lê. Muito além de decifrar o código linguístico, um leitor crítico vai além de sua superfície e percebe, segundo Koch (2015), o texto como lugar de interações de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos. Em um processo gradativo, o leitor decodifica o texto; compreende seu significado e o contextualiza; e o interpreta, manifestando sua criticidade, desenvolvendo suas opiniões e argumentos sobre aquilo que se lê. Esse processo de leitura crítica também envolve a capacidade de relacionar o texto com outras informações e experiências pessoais, enriquecendo a compreensão e promovendo um diálogo mais profundo com o conteúdo. Muito além do conhecimento linguístico teórico, através da leitura há o desenvolvimento cultural estabelecido por uma relação de troca entre autor-texto-leitor, onde o leitor não só absorve informações, mas também contribui ativamente para a construção do significado e da relevância do texto.

Através da leitura literária é possível traçar paralelos entre o real e o imaginário de forma que o leitor, enquanto cidadão, pense sua condição humana e suas ações no mundo. Segundo Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica

a percepção das relações entre o texto e o contexto e como isso se representa no mundo. Esse processo permite que o leitor desenvolva uma consciência mais profunda sobre as questões sociais e culturais, refletindo sobre a sua própria posição e o impacto de suas ações. Assim, a leitura literária não só amplia o horizonte do conhecimento pessoal, mas também estimula uma postura mais ativa e reflexiva diante da realidade, promovendo uma cidadania mais engajada e crítica.

Com o domínio da leitura, o cidadão se estabelece ao passo que a escrita é o código oficial da sociedade moderna. Através dela é possível ler notícias, compreender contratos, estar a par de seus direitos e deveres, dentro de vários outros segmentos de atividades do cotidiano. Ademais, segundo Lajolo (2000), a leitura literária também é fundamental. Por meio da literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute seus impasses, desejos e utopias. A literatura proporciona uma reflexão profunda sobre a condição humana e as dinâmicas sociais, servindo como um espelho das complexidades e das transformações culturais. A leitura literária não só enriquece o repertório individual, mas também contribui para a construção de uma visão mais crítica e informada da sociedade em que vivemos.

É essencial promover uma prática de leitura produtiva para contribuir com a formação do leitor maduro, permitindo que ele se identifique nos textos, não apenas como um mero consumidor, mas como alguém que também os produz, preenchendo lacunas e explorando a ambiguidade e os significados mais profundos nas entrelinhas das obras. Segundo Lajolo (2000), o leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu. É, portanto, neste somatório de leituras e visões de mundo que o leitor se forma como cidadão, trazendo para seu aspecto pessoal as interações e os aspectos culturais adquiridos na literatura. Essa prática de leitura aprofundada ajuda a desenvolver habilidades analíticas e críticas, que são fundamentais para a compreensão das complexidades sociais e para a participação ativa na construção da sociedade. O leitor maduro, assim, não só absorve o conteúdo das obras, mas também integra essas experiências e conhecimentos em sua própria visão de mundo e prática cotidiana.

### 2.3 OS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO-LEITOR

No contexto atual de superexposição constante a telas, o desafio de se formar um sujeito-leitor se torna ainda maior. Excesso de informações, sons e imagens nos condicionam a

viver cada dia mais acelerados, proporcionando que atividades, como a leitura, que demandam um pouco mais de concentração se configurem como uma tarefa complexa. Aprender a ficar em silêncio, a trabalhar sozinho, se concentrar e viver sem estímulos externos é um exercício que o professor deve trabalhar com seus alunos para se tornar um hábito, o que incentiva a prática da leitura. Para estes jovens o desafio é ainda maior pois eles nasceram nesta geração onde tudo é mais dinâmico. O processo de aprendizagem nem sempre será divertido e cabe ao professor realizar esse equilíbrio entre uma aula dinâmica e outra mais reflexiva, sem perder o interesse dos alunos sobre o texto a que se propõe trabalhar.

É preciso categorizar a diferenciação entre leitura como simplesmente a capacidade de decifrar o código linguístico da real proposta da escola que é de formar seres humanos críticos, capazes de ler visíveis e invisíveis nos textos verbais e não-verbais. Há necessidade de desconstruir uma tradição mecânica da leitura como obrigação escolar e despertar no jovem o real apreço pela leitura como aquisição de conhecimentos, ampliação de horizontes e despertar do imaginário. O sujeito-leitor entende as atividades de leitura não somente como uma atividade escolar, mas como uma oportunidade de crescimento pessoal, quer seja através da ampliação de sua bagagem cultural, quer seja pelo prazer inerente ao contato com textos de seu agrado.

O modelo mercadológico e competitivo da sociedade atual é tão significativo que se reflete também no ambiente escolar. Uma constante busca por notas altas, aprovações em exames de avaliação de ensino e um grande acúmulo de conteúdos e disciplinas se configuram como dificultadores da dissolução da leitura como atividade mecânica. O aluno sobrecarregado com todas estas atividades pode vir a entrar em uma espécie de piloto automático do aprendizado onde se interessa somente em decorar conceitos, cuspi-los em provas e esvaziá-los de sua cabeça. O professor, que também em muitos casos está sobrecarregado com acúmulos de matrículas e atividades, pode vir a entrar no erro de seguir este mesmo piloto automático dos alunos e cair no erro de desenvolver atividades de leitura sem propósito, divergindo de todas as recomendações para formação do sujeito-leitor. O que fazer para mudar este panorama?

Segundo Lerner (2001), assumir este desafio significa abandonar as atividades mecânicas e desprovidas de sentido, que levam as crianças a distanciar-se da leitura por considerá-la uma mera obrigação escolar. Significa também incorporar situações em que ler determinados materiais seja imprescindível para o desenvolvimento dos projetos que se estejam levando a cabo, ou que produzam o prazer que é inerente ao contato com textos verdadeiros e valiosos. Ao integrar a leitura de maneira significativa e contextualizada, o professor pode transformar a prática em uma experiência envolvente e enriquecedora, incentivando o engajamento dos alunos e despertando seu interesse genuíno pelos textos. Isso contribui para o



desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita mais profundas, além de fomentar a formação de leitores autônomos e apaixonados pela literatura.

É preciso que entendamos que para mudar este quadro é necessária uma mudança profunda do sistema escolar como um todo. Toda reforma educativa sofre resistências, pois pela inércia é muito mais cômodo seguir o modelo repetitivo de atividades mecânicas que já são rotineiras, e isso vai muito além da leitura. Esperar do aluno uma profundidade de reflexão nas atividades de leitura enquanto em todas as outras disciplinas ele já está acostumado ao modelo mecânico de ensino é um desafio que só pode ser atingido quando se desperta interesse por parte deste jovem, convergindo com a definição de propósito de leitura. Traçar este objetivo é nosso dever enquanto professores de língua portuguesa e literaturas, e requer um compromisso com práticas pedagógicas que incentivem a curiosidade e a capacidade crítica dos alunos, transformando a leitura em uma atividade estimulante e relevante para o desenvolvimento intelectual e pessoal.

Ademais, é factual que a distribuição de renda no Brasil é desigual e isto incide diretamente na oportunidade à leitura entre pessoas de diferentes classes sociais. Entretanto, segundo Andruetto (2017), só a escola pode, mesmo com todas suas dificuldades e carências, diminuir a brecha entre crianças que provêm de lugares não leitores e crianças que vêm de lugares onde o livro está presente. O desafio para formar um sujeito-leitor quando a criança vem de um lar que os pais não têm o hábito da leitura internalizado é ainda maior pois é somente o círculo escolar que impulsionará esta atividade. Para isso, é preciso diminuir o distanciamento livro-leitor colocado pelas barreiras sociais se utilizando de obras de fácil absorção, vocabulários atuais com temas de sua realidade e interesse. É neste viés que as adaptações em cordel de clássicos da literatura possibilitam a aproximação destes leitores com obras até então conhecidas, mas não desbravadas, quer seja pelo maior número de páginas ou pela complexidade do vocabulário.

### **3 A LITERATURA DE CORDEL E AS ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS**

#### **3.1 CONTEXTO GERAL SOBRE A ORIGEM DO CORDEL**

Há uma falsa ideia de se comparar a literatura de cordel brasileira com a lusitana e atribuir a esta a origem daquela. Este pressuposto se dá principalmente pela relação colonial estabelecida entre Portugal e Brasil, onde, segundo Abreu (1999), o imaginário das elites

ocidentais construiu o “mito do colonizador” como ser culturalmente superior a quem cabe oferecer aos colonizados uma língua, uma religião, uma literatura, uma maneira de ver, pensar e organizar o mundo. Essa perspectiva ignora as particularidades e as influências locais que moldaram a literatura de cordel brasileira, valorizando a sua autonomia e a criatividade que emergiu a partir das interações culturais e sociais no contexto brasileiro. A literatura de cordel deve ser reconhecida em sua originalidade e riqueza cultural, distinta das influências portuguesas e com uma identidade própria que reflete a diversidade e a experiência do povo nordestino.

A literatura de cordel portuguesa data de meados do século XV, onde as marcas de oralidade se faziam ainda mais presentes. Era inicialmente uma forma simplificada de registro da contação de histórias pendurando-as em cordéis. Estes folhetos já se configuravam como adaptações literárias desde sua essência, vendidos a baixo preço e, por conseguinte, muito mais acessíveis ao público em geral. Tal popularização trazia consigo marcas de marginalização, pois nunca foram obras voltadas para os aristocratas, mas sim um produto consumido por diversas esferas da sociedade. Essa característica de acessibilidade e ampla circulação contribuiu para que a literatura de cordel fosse vista como uma expressão autêntica das culturas populares, refletindo as experiências e os valores das camadas mais amplas da população.



FIGURA 1: Folhetos portugueses expostos na Fundação Casa de Rui Barbosa

Fonte: Mundo Lusíada

O cordel português não tinha um padrão estético: podia ser escrito em prosa, versos ou forma teatral. Abordava diversos temas como pequenas novelas de cavalaria, epopeias gregas, peças teatrais e até mesmo notícias. Sua única característica que os integrava era o

formato como os textos eram comercializados. Todos utilizavam um modelo gráfico muito simples com papéis baratos e um pequeno número de páginas, o que o aproximava de seu público, que não estava tão acostumado com a estruturação de textos produzidos pela elite intelectual. Essa simplicidade estética e acessibilidade permitiu que o cordel alcançasse uma ampla audiência, mantendo-se como um meio efetivo de comunicação cultural e social, especialmente entre as classes populares.

Diferentemente do cordel português que somente era padronizado pelo seu gênero editorial, a literatura de folhetos produzida no nordeste brasileiro sempre foi bem caracterizada. Enquanto os lusitanos se preocupavam mais em adaptar textos clássicos em um formato mais simplificado, os folhetos nordestinos recriavam obras, alterando estruturas sintáticas, trocando trechos e os reorganizando esteticamente. Havia no folheto uma maior preocupação rítmica e musical dos versos, oriundos das cantorias. Segundo Abreu (1999), as cantorias eram realizadas como competições, onde os cordelistas exaltavam suas habilidades poéticas, vangloriavam-se de seus conhecimentos e desmereciam seus adversários, negando as virtudes que eles proclamavam, criticando seu comportamento moral, sua cor e sua origem social.

Pelas suas raízes serem fincadas na oralidade, há poucos registros dos primeiros cantadores brasileiros. Esta posição de pai da poesia popular nordestina foi preenchida por Agostinho Nunes da Costa, que viveu entre 1797 e 1858, apesar de possivelmente ter havido outros repentistas antes de sua figura. Ele e seus filhos, Nicando e Ugulino, foram conhecidos como o “grupo dos Teixeira” por serem naturais da Serra do Teixeira, na Paraíba. As primeiras versões impressas dos cordéis são aproximadamente do início do século XX. Leandro Gomes de Barros (1865 – 1918), Francisco das Chagas Batista (1882-1930) e José Martins de Athayde (1880-1959) foram os primeiros nomes conhecidos a publicar sistematicamente suas obras. Estes autores desempenharam um papel crucial na consolidação da literatura de cordel como um gênero literário reconhecido, contribuindo para a preservação e a expansão da tradição oral e a sua adaptação para o formato impresso, que permitiu sua difusão e popularização.

Leandro de Barros além de escrever, participava de todo o processo de produção, impressão e venda de seus folhetos. Segundo Galvão (2001), no final da década de 10, alguns poetas começaram a se tornar proprietários de impressoras. Na maior parte das vezes, inseridos no contexto urbano, onde as tipografias se multiplicaram desde o final do século XIX. Esta autossuficiência editorial se permitiu pois houve modernização no setor gráfico, tornando máquinas obsoletas utilizadas na imprensa mais baratas para serem adquiridas usadas pelos poetas. Segundo Melo (2010) a edição regular de folhetos, portanto, não foi dada exclusivamente pelo crescente interesse do público, mas também por razões de ordem

econômica e técnica que possibilitaram a difusão dos mais diversos gêneros de impressos no Brasil.



FIGURA 2: Folheto de Leandro Gomes de Barros publicado em 1906

Fonte: [www.casaruibarbosa.gov.br](http://www.casaruibarbosa.gov.br)

Pelo fato de os folhetos serem produzidos a baixo custo e conseqüentemente serem consumidos por diversas camadas da sociedade e não somente por uma parcela da elite intelectual, sua expansão foi rápida pelo Nordeste brasileiro. Não somente pelos conteúdos musicais versificados nos folhetos, mas também como contação de histórias e “causos sabidos” das redondezas. Os cordéis se tornaram parte da cultura popular e acessibilidade da literatura brasileira, não se restringindo somente à contação de histórias, mas transformando notícias e críticas em textos literários. Segundo Abreu (1999), as diferenças entre campo e cidade não eram tão marcadas no Nordeste no início do século XX e, embora poetas e leitores dos cordéis pertencessem fundamentalmente às camadas pobres da população, membros da elite econômica também tinham nos folhetos e nas cantorias uma de suas principais fontes de lazer. Esse fenômeno destacou a capacidade do cordel de transcender barreiras sociais e culturais, tornando-se uma forma de expressão amplamente apreciada e valorizada, refletindo as dinâmicas e as diversidades do Nordeste brasileiro.

Segundo Chiaradia (2020), a literatura de cordel busca trazer um linguajar descomplicado, ou coletivo, para se fazer entender entre as pessoas mais humildes, essa é uma técnica para conseguir dialogar com todos os públicos e então atingir o objetivo do folheto: seja

entreter, formar, informar ou conscientizar. Os cordéis adotaram um viés jornalístico, segundo Curran (1987), quando, ao invés de se preocupar com relatos épicos e amorosos, passaram a cuidar da narrativa, do comentário e da crítica em torno dos eventos do cotidiano, apesar de ser evidente que não se tratavam de jornalismo científico, dentro das mais modernas técnicas de comunicação. Esse direcionamento ampliou a função social do cordel, permitindo que ele se tornasse um veículo importante para a disseminação de informações e opiniões, refletindo as preocupações da população da época.

Segundo França (2012), o cordel pode servir como registro da memória de um povo à medida que se utiliza dos relatos que são parte da história desse povo, o que serve como forma de guardar essa memória coletiva por meio de um registro escrito. Nesse sentido, é necessário perceber a fluidez de um cordel que ao mesmo tempo que é um texto literário, também se faz como documento histórico e patrimônio da identidade nordestina. Segundo Gaudêncio (2010), entende-se por literatura de cordel, como sendo uma manifestação artístico-cultural da cultura popular que registra a história e a trajetória de um povo, assim como, caracteriza-se por uma ação poética que dá vida à sociedade, o que reforça a necessidade de os estudar como ferramenta de conscientização política, histórica e econômica.

Diante do tempo, o cordel foi capaz de englobar diversos gêneros dentro de um só: cantorias, contação de histórias, informativos regionais, romances, etc. O que todos esses textos têm essencialmente em comum é a marca da identidade e da cultura nordestina, servindo de base para o reconhecimento de um povo e inserção em um universo literário monopolizado pelas elites intelectuais. O cordel popularizou a literatura e, até hoje, pode ser utilizado como ferramenta para reposicionar clássicos literários no mercado editorial. Sua versatilidade e capacidade de adaptação permitem que ele seja um meio eficaz para tornar a literatura mais acessível e relevante para diferentes públicos, promovendo uma nova abordagem e valorização dos textos clássicos.

### 3.2 LITERATURA DE CORDEL COMO ADAPTAÇÃO DE CLÁSSICOS

Muitas pessoas conhecem o mito de Aquiles sem nunca ter folheado *A Ilíada*. Já outras procuraram ler *A Ilíada* por ter assistido ao filme *Tróia* e se interessado pela história. Quer seja por uma razão ou pela outra, a essência do clássico se manteve conhecida – e, portanto, viva – para novas gerações através do filme estrelado em 2004 por Brad Pitt. As adaptações literárias são meios eficazes para conectar a sociedade contemporânea ao patrimônio literário transmitido através das gerações e a indústria cinematográfica explora isso

com frequência. Segundo Hutcheon (2013), é possível enxergar a adaptação a partir de três premissas: que ela é um produto; um processo e; uma recepção.

Entende-se adaptação como um produto pois se trata do resultado da atividade de transformação de uma obra original em uma nova forma, onde reimaginam e reconfiguram seu conteúdo original para se adequar aos contextos atuais e encaixá-lo nos moldes que o público o consuma. Estas produções são moldadas por diversos fatores como intenções artísticas e tendências mercadológicas. É, também, de acordo com a autora, um processo, ao passo que envolve uma série de etapas, começando pela interpretação da obra original pelo adaptador, passando por um processo criativo de transformação, contextualização e atualização da obra, proporcionando sua produção e distribuição. E é, por último, uma recepção pois envolve a interpretação e o consumo desta nova obra por parte do público que o contrasta com a obra que foi adaptada.

O processo de adaptação literária permite que clássicos da literatura sejam contextualizados e ressignificados, alcançando novos públicos e se mantendo relevante em diferentes épocas. Segundo Hutcheon (2013), entende-se adaptação como transposição criativa e interpretativa de uma ou mais obras reconhecíveis, uma transcodificação que em alguns momentos implica uma mudança de mídia. Há, segundo a autora, um descompromisso com a fidelidade ao texto que lhe antecede por haver uma nova interpretação do adaptador acerca daquela obra. Apesar desta nova interpretação se distanciar da obra original no que diz respeito ao descompromisso com a fidelidade ao texto, a atividade de adaptar um clássico literário para recortes atuais impulsiona a conservação destas obras no sentido de manter sua essência viva e permitir seu consumo entre novos leitores de forma que possa reinseri-las como produtos com alta procura no mercado cultural.

Segundo Perrone-Moisés (2016), a conservação é uma atitude inerente aos conceitos de cultura, de arte e de educação. Trata-se da conservação não como imobilismo e fechamento ao novo, mas como conhecimento da tradição sem a qual não se pode avançar. A adaptação funciona como um meio de preservar a relevância cultural das obras clássicas, ao mesmo tempo que as reintegra no panorama contemporâneo, garantindo sua continuidade ao longo do tempo. Com o desenvolvimento da tecnologia, muitas pessoas passaram a consumir conteúdo digital, como vídeos e podcasts, em vez de livros físicos. Isso impacta a demanda por clássicos, que frequentemente são considerados leituras mais complexas e exigentes.

É possível perceber nos cordéis brasileiros a ressignificação e a manutenção da tradição, mantendo-a viva através de novas técnicas estéticas de formatação. Este conceito de conservação se estabeleceu inicialmente pela grafia da contação de histórias, tornando-as

registros escritos, e também pelas xilogravuras. Havia claramente uma preocupação dos cantadores de não perder estes dados e também despertar na sociedade uma nova forma de comercialização das cantorias, tornando-as em produtos que cada homem ou mulher pudesse comprar e levar para casa. Essa prática permitiu a democratização da cultura e o acesso à literatura popular, preservando e difundindo as tradições culturais do Nordeste em produções literárias de baixo custo.

Desde os cordéis lusitanos aos folhetos brasileiros, a literatura de cordel apresenta adaptações literárias voltadas a uma formatação e vocabulário mais acessíveis ao público em geral. Somado a isto, o baixo custo editorial possibilita ampliar os horizontes literários àqueles que não vieram de famílias leitoras. Por derrubar as barreiras econômicas e sociais da elite literária, o cordel se apresenta como uma excelente ferramenta de democratização de obras clássicas da literatura, permitindo que estas sejam acessíveis a uma ampla gama de leitores. O mercado editorial, ao responder a essa demanda crescente, não apenas preserva a tradição literária popular, mas também a reinventa continuamente para manter sua relevância e impacto na sociedade. É o caso de projetos editoriais como o da editora Nova Alexandria, com a coleção *Clássicos em Cordel*, que já possui adaptações de diversas obras consolidadas mundialmente, como *Viagem ao Centro da Terra*, *Os Miseráveis* e *Romeu e Julieta*.



FIGURA 3: Coleção Clássicos em Cordel, por Valquíria Valhall

Fonte: Blog Cordel Atemporal

Sebastião Marinho da Silva, tradicional repentista nordestino, foi o autor convidado pela editora Nova Alexandria para adaptar em cordel o clássico shakespeariano *Romeu e Julieta*. Nascido em 10 de março de 1948 na Paraíba e falecido em 10 de fevereiro de 2024,



Sebastião teve como professores João da Silveira, Zé Duda Flor, Antônio Eugênio da Silva, João Caetano e outros grandes cantadores e cordelistas da época. O poeta recriou a obra tradicional de Shakespeare trazendo elementos novos que adicionam suas marcas na obra adaptada, não se restringindo somente a transformá-la em versos rimados nos moldes estéticos do cordel. Estes diferentes elementos linguísticos adicionados pelo autor nos permitem analisar de forma diacrônica as personagens de forma que as características clássicas europeias se interseccionam com a contemporaneidade dos cordéis brasileiros e com a cultura nordestina de um modo geral.



FIGURA 4: Sebastião da Silva segurando viola

Fonte: Site do Governo da Paraíba

Há, notoriamente, uma tendência de mercado em consumo dos cordéis que proporciona que as editoras deem foco a desenvolver novas adaptações para o cenário literário brasileiro. Estamos em uma geração que reflete e questiona com frequência a identidade brasileira e busca por recursos que possam reforçar as marcas de brasilidade. Apesar da influência lusitana, é inegável que os cordéis brasileiros muito se diferem destas obras e são produções carregadas de elementos nordestinos devido a sua origem e desenvolvimento em solo nacional. A utilização de adaptações em cordel de clássicos literários muitas vezes estrangeiros, ao invés de reforçar um eurocentrismo literário, valoriza produções nacionais e artistas brasileiros, promovendo uma maior integração cultural e uma valorização das tradições locais, o que amplia a



representatividade nordestina dentro da cultura brasileira e desenvolve o sentimento de nacionalismo pelo crescimento de um gênero essencialmente brasileiro.

## **4 UTILIZAÇÃO DE ADAPTAÇÕES EM CORDEL NA SALA DE AULA**

### **4.1 A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NAS ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS**

O leque de produções que o universo das adaptações literárias nos fornece é cada vez mais ampliado, quer seja nas produções cinematográficas, quer seja na produção literária. A transformação de gênero textual é uma técnica que pode ser abordada em sala de aula de diversas formas interativas, permitindo aos alunos não apenas ter contato com obras clássicas até então nunca folheadas, mas também ampliar seus conhecimentos linguísticos através da análise e produção textual. Este contexto de adaptação em cordel de obras clássicas permite ao professor explorar diversas atividades com os alunos, oferecendo oportunidades para trabalhar conceitos de intertextualidade e fomentar uma compreensão mais profunda das relações entre diferentes textos e gêneros.

Segundo Ana Maria Machado (2002), o primeiro contato com um clássico, na infância e adolescência, não precisa ser com o original. O ideal é uma adaptação bem feita e atraente, que se ajuste ao nível de entendimento e interesse dos jovens leitores. É preciso reconhecer a importância de introduzir um clássico na literatura infanto-juvenil, mas, sobretudo, escolher cuidadosamente como apresentá-lo para que a atividade seja envolvente e não desperte ou intensifique um bloqueio à literatura. Trabalhar com uma adaptação em sala de aula permite explorar não apenas o texto em si, mas também aprimorar as relações textuais, como a intertextualidade, que está diretamente ligada à adaptação literária, evidenciando o vínculo entre o clássico e seu intertexto.

Segundo Kristeva (2005), a teoria da intertextualidade propõe uma interação dinâmica entre diversos textos, rompendo com a ideia de um texto original como única referência. Segundo essa perspectiva, todo texto é, na verdade, um resultado de textos anteriores, inserindo-se assim em um fluxo contínuo de produções textuais que atravessam o processo criativo. Para pensar esta teoria é possível imaginar uma adaptação em cordel do clássico *Dom Casmurro* de Machado de Assis, mas não se ater somente a esta relação intertextual, partindo do princípio que a obra machadiana também possui forte influência da tragédia *Otelo* de William Shakespeare. Este exemplo reforça a teoria de Kristeva (2005) e

expande o que Bakhtin (2015) defende sobre a dialogicidade dos textos ao passo que um texto literário não tem sentido fixo, apresentando-se como o cruzamento de várias matrizes textuais.

Segundo Bakhtin (2015), um texto não existe isoladamente, mas sim em diálogo com outros, seja por atração ou rejeição, estabelecendo um diálogo entre duas ou mais vozes. Esse diálogo não ocorre apenas em um discurso fechado e linear, mas também em interação com outros discursos e diferentes públicos. O autor menciona a polifonia do texto, que reforça que as adaptações de obras literárias são atividades que envolvem não apenas um processo de reescrita, mas também a ampliação de seu significado. Cada escritor traz sua bagagem sociocultural e visão de mundo, e as adaptações ressignificam os clássicos nessa relação dialógica, acrescentando ou subtraindo elementos do texto original. Esse processo de adaptação atua como criação e recriação, produzindo um intertexto que se relaciona com seus textos anteriores sucessivamente, expandindo o diálogo literário.

O professor, como mediador de leitura, deve explorar a relação entre autor-texto-leitor de forma que uma adaptação necessariamente se relacione com sua obra-base, o clássico. É preciso ter a sensibilidade de entender que o leitor do século XX, por exemplo, não é o mesmo da atualidade, sobretudo quando este ainda está passando por um processo de amadurecimento, não só como leitor, mas como ser social. A leitura obrigatória e condicionada a um resultado – como a conclusão de um ano letivo escolar – não é o modelo que se deve adotar em sala de aula. Segundo Thiago Marques Luiz (2021), é preciso partir do pressuposto de que, se o conhecimento de leitura não for acionado pelo leitor, a adaptação pode não ser reconhecida enquanto tal. Quanto mais informações intertextuais o leitor for capaz de processar, mais próximo ele estará da adaptação e de poder considerá-la também como um intertexto.

A aplicação de adaptações em cordel como elemento difusor de clássicos da literatura deve ser feita de forma que apresente também as obras-base para os alunos e os aproxime deste cânone em grande maioria desconhecido. Para que eles possam estabelecer suas relações intertextuais há a necessidade de um conhecimento prévio que precisa ser apresentado pelo professor. Segundo Luiz (2021), quanto mais amplo for o conhecimento intertextual do leitor, mais próximo ele estará do discurso literário, da ideologia, das perspectivas da época de produção de um texto etc. Além de trazer esta bagagem de leitura e ampliar o conhecimento sociocultural dos alunos, é possível traçar paralelos entre diferentes períodos históricos e aproximá-los dos dias atuais, impulsionando o interesse pela leitura. Assim, as adaptações literárias exemplificam a ideia de que o significado de um texto nunca é fixo, mas está sempre em processo de transformação e renegociação à medida que se conecta com outros textos e contextos históricos.

#### 4.2 PROPOSTAS DE ATIVIDADES EM CORDEL

Os cordéis podem ser utilizados em sala de aula de diversas formas que combinem o estudo de elementos linguísticos e artísticos. Por se tratar de um gênero multissemiótico, as atividades em cordel no ambiente escolar podem abordar processos criativos e oficinas artísticas que estimularão a criatividade e o imaginário dos alunos. Além disso, essas atividades promovem a leitura crítica e a interpretação, permitindo que os alunos se apropriem do texto de maneira mais profunda e significativa. A BNCC reconhece a importância da literatura de cordel como parte do patrimônio cultural brasileiro e há diversas formas do professor trabalhar a leitura e a produção escrita de forma integrada, seguindo as recomendações curriculares e, ainda assim, propondo atividades criativas e dinâmicas que envolvem diferentes linguagens e formatos.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018), no campo de atuação da vida cotidiana é de vital importância que os jovens possam ler imagens em narrativas visuais como objeto de conhecimento. O aluno deve construir sentidos de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionar imagens e palavras e interpretar recursos gráficos. Um dos principais exercícios destas atividades é o desenvolvimento do imaginário de forma a relacionar o texto escrito com as imagens, inferindo traços de humor e percebendo a conotação em diversas construções. Esta atividade de ler os “invisíveis” dos textos, articulando palavras, imagens, ícones e expressões é o que se entende como interpretação de textos multissemióticos.

Embora seja tradicionalmente reconhecido por sua estrutura em versos, o cordel também integra elementos visuais que ampliam a interpretação do texto. As capas dos folhetos de cordel costumam trazer xilogravuras, que se conectam ao conteúdo escrito, fornecendo ao leitor indicações visuais sobre o enredo. Esse diálogo entre imagem e palavra enriquece a experiência do leitor, permitindo uma compreensão mais profunda e imaginativa da narrativa. Além disso, o cordel é frequentemente declamado ou cantado em ambientes públicos, como feiras, incorporando aspectos orais e musicais que resultam em uma experiência multissemiótica. Essa performance ao vivo, muitas vezes carregada de expressões corporais e entonações específicas, acrescenta uma nova camada de significação à obra. Dessa forma, o cordel une a linguagem escrita (os versos), a visual (as ilustrações) e a oral (a declamação), consolidando-se como um gênero que articula diferentes formas de linguagem para gerar significados, caracterizando-o como multissemiótico.

O enfoque das aulas que abordarem literatura de cordel como objeto de estudo pode variar de acordo com o nível de escolaridade dos alunos e com o interesse do professor acerca

daquela proposta. Segundo Marinho e Pinheiro (2012), a escola deve estar provida de um procedimento metodológico que oriente o trabalho com cordel de modo a favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo, sendo importante valorizar as experiências locais, descobrir formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor. Nesse sentido, as atividades em cordel devem ter o incentivo não somente do professor mas também da administração da escola, em prol de promover espaço físico para a elaboração das oficinas e varais ou murais para exposição das obras criadas pelos alunos.

Sendo assim, para abordar objetivamente uma proposta de aula com literatura em cordel, a utilização de adaptações de clássicos da literatura pode ser um modo eficaz de difundir o gênero. A tragédia *Romeu e Julieta* de William Shakespeare é um excelente exemplo que pode unir conhecimentos literários, artísticos e teatrais em uma atividade dinâmica de leitura compartilhada e processo de criação de oficinas. A obra *Cordel e Clássico na Escola: leituras e releituras da tragédia de Shakespeare* de Ceylla de Souza Furtado e Célia Sebastiana Silva se trata de uma proposta de estudo a partir da clássica tragédia shakespeariana *Romeu e Julieta* e a sua adaptação para o cordel, feita por Sebastião Marinho da Silva e publicada pela editora Nova Alexandria. Este projeto é um produto educacional vinculado à dissertação de mestrado de Ceylla Furtado e orientado pela Profa. Dra. Célia Silva intitulada *O clássico na literatura de cordel e o processo de formação do leitor literário*. Segundo as autoras, a leitura da peça teatral *Romeu e Julieta* de Shakespeare, na escola, se justifica pela singularidade da obra clássica, na perspectiva da formação do leitor literário, dado o seu caráter universal e por ser uma obra que ultrapassa gerações.

Nesta obra, as autoras visam fazer com que o clássico deixe de ser um privilégio de pequenos grupos e o insere, através da adaptação em cordel, em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jardim América, no bairro de Jardim América, da cidade de Goiânia, que atende alunos da região periférica deste bairro e do setor Madre Germana II, também periférico. As autoras reforçam a possibilidade de uma boa mediação do leitor literário da obra clássica, por meio do cordel devido a maior familiaridade com a cultura popular dos alunos. Com a utilização da adaptação em cordel, além do desenvolvimento do imaginário dos alunos e o estímulo ao processo criativo, a professora tem a oportunidade de explorar os diferentes usos da língua nas diferentes situações de comunicação. Este contraste entre clássico e contemporâneo amplia a experiência linguística dos alunos através dos recursos comunicativos utilizados na adaptação, como variações linguísticas e expressões brasileiras.



FIGURA 5: Romeu e Julieta em Cordel

Fonte: Editora Nova Alexandria

A adaptação em cordel, além de reforçar a identidade brasileira com a prática da leitura de um gênero nosso, desperta nos jovens o interesse pela obra original. Segundo Marinho e Pinheiro (2012), a escola deve estar provida de um procedimento metodológico que oriente o trabalho com cordel, favorecendo o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, promovendo uma experiência rica entre professores, alunos e demais participantes do processo. É fundamental valorizar as experiências locais, descobrir formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor e incentivar a criatividade dos estudantes, conectando a literatura ao seu cotidiano e suas vivências. Essa abordagem não só enriquece o aprendizado, mas também fortalece a valorização da cultura popular.

O processo de adaptação da obra parte, a princípio, da contextualização do clássico com seu intertexto, e cabe ao professor debater, de forma ampla, sobre o que se trata a história. Neste processo de pré-leitura, surgem as hipóteses, e os alunos manifestam suas primeiras impressões sobre o enredo. No caso específico da tragédia *Romeu e Julieta*, alguns alunos já têm dimensão do desfecho trágico, mas pouco sabem sobre o desenvolvimento da história e o envolvimento das personagens principais. É neste momento que o professor propõe uma leitura compartilhada da adaptação em cordel, trazendo alguns aspectos importantes e discutindo as características do gênero, como a rima, a métrica e os temas abordados. Essa leitura não só facilita a compreensão dos eventos, mas também torna a obra mais acessível e interessante, conectando os alunos de maneira lúdica ao universo literário, ao mesmo tempo em que estimula o diálogo sobre as emoções e conflitos presentes na narrativa.

Após este processo de aproximação dos alunos com o gênero, as propostas de atividades são diversas e muito me agrada a utilizada na Escola Municipal Jardim América citada acima. Após a leitura compartilhada com os alunos – e indignação generalizada com o desfecho trágico da obra – é introduzida a proposta de elaboração de um *Festival de Cordel* no qual os alunos poderão produzir seus próprios cordéis e reescrever a tragédia com o final que acharem mais adequado. Essa experiência não só instiga o debate sobre as diferentes interpretações da história, mas também encoraja os alunos a refletirem sobre as consequências das escolhas feitas pelos personagens. Com o objetivo de explorar a multissemiotividade do gênero e desenvolver a capacidade criativa dos alunos, essas produções podem ser expostas em varais pela escola, somadas à criação das xilogravuras ou desenhos à mão para servirem de capas para estes folhetos e até mesmo encenações teatrais com alguns dos desfechos escolhidos pelos alunos.

#### 4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado, percebe-se a necessidade de contato em sala de aula com a literatura de cordel para reforçar a cultura e a identidade brasileira através de um gênero nascido e desenvolvido em nosso país. Apesar das influências portuguesas, o cordel brasileiro, originário no nosso Nordeste, destoa-se em diversos aspectos dos lusitanos. Segundo Luana de Souza (2018), ao abordar o cordel em sala de aula, o professor está promovendo uma espécie de revolução no espaço escolar, pois dará espaço para a literatura popular, que foi marginalizada durante anos por não se tratar do cânone brasileiro. Essa abordagem não apenas valoriza a cultura brasileira, mas também democratiza o acesso à literatura, tornando-a mais inclusiva e representativa. Ao abordar uma adaptação em cordel de um clássico da literatura, temos a oportunidade de mesclar características brasileiras e europeias, unindo o clássico ao contemporâneo.

Segundo Marinho e Pinheiro (2012), não se trata de hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas de compreendê-las em seu contexto, a partir de critérios estéticos, para poder perceber sua dimensão universal. Este processo de compreensão que as autoras citam se refere a não somente apresentar a xilogravura, por exemplo, como capas dos folhetos em cordel. Trata-se de contextualizar o porquê da origem deste tipo de produção gráfica e os baixos recursos dos cordelistas para publicá-los. É fundamental discutir também as tradições orais que permeiam esse gênero e como elas influenciam a sua estética e temática. Trata-se de explicar o porquê de os cordéis terem esse nome e o porquê de serem expostos em

cordões em praça pública. A superficialidade da apresentação do gênero como uma simples atividade de reprodução textual em que um clássico é transformado em versos simples distancia a representatividade necessária para o cordel ser valorizado como produção cultural de qualidade.

A relevância deste tipo de atividade se dá também na desconstrução da administração da própria escola em uma concepção ineficiente do ensino. As atividades lúdicas, artísticas e culturais promovem uma interação e uma sensação de coparticipação dos alunos que, na maioria dos casos, é de muito maior aproveitamento do que a simples reprodução conteudista de uma gramática normativa. Ressalto aqui a necessidade, sim, deste tipo de atividade, mas reforço a possibilidade de promovê-la de forma muito mais dinâmica, inserida dentro do processo de leitura e de uma aula pensada “fora da caixinha”. Essa abordagem não só enriquece a experiência educativa, mas também favorece a formação de um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor. Nesta leitura compartilhada de cordéis com os alunos, é possível abordar diversos temas programados para o desenvolvimento pedagógico, tais como a conceitualização da intertextualidade, e discussões sintáticas e semânticas a partir da interpretação dos versos dos cordéis.

O processo de formação de um jovem leitor é extremamente dificultado, sobretudo quando esta criança vem de um lar de pais não-leitores. Atividades de leitura compartilhada, como a citada neste trabalho, além de democratizar o cânone literário, que historicamente não é destinado para todo tipo de público, podem despertar um leitor/escritor potencial em um jovem inserido em um contexto econômico e social precário. Essas iniciativas não apenas ampliam o acesso à literatura, mas também promovem a valorização da diversidade cultural e a construção de uma identidade literária mais rica. O direito à educação e, portanto, à literatura, infelizmente ainda encontra entraves sociais que precisam ser combatidos. É fundamental que as escolas desenvolvam estratégias que incentivem a leitura desde cedo, criando um ambiente que estimule a curiosidade e a criatividade. A melhor forma de executar isso é proporcionar atividades dinâmicas dentro de sala de aula, removendo a estagnação de um ensino conteudista ultrapassado.

## **REFERÊNCIAS**

- ABREU, Márcia. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- ANDRUETTO, Maria Teresa. Ler, direito de todos. São Paulo: Editora SESC, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CHIARADIA, Adriana Maria Gonçalves. Política, história e sociedade no varal: a literatura de cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante. Nova Chavantina: Pantanal editora, 2020.

CURRAN, Mark J. A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Ruy Barbosa, 1987.

FRANÇA, José Marcos de. Entre a ficção, a memória e a história: uma análise interdiscursiva em folhetos de cordéis. Artigo publicado no programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB. Paraíba: 2012.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FURTADO, Ceylla de Souza. Cordel e Clássico na Escola: leituras e releituras da tragédia de Shakespeare. Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação em Ensino e Educação Básica (Profissional), Goiânia: 2021.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GAUDÊNCIO, Sale Mário. O cordel como fonte de informação: a vivacidade dos folhetos de cordéis no Rio Grande do Norte. João Pessoa: Biblionline, 2010

HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. Tradução André Cechinel. 2. ed Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2015.

KRISTEVA, Julia. Introdução à semanálise. 2. ed. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2000.

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LUIZ, Thiago Marques. A relevância da intertextualidade para os estudos de adaptação. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia (UFU), 2021.



MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. O cordel no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2012.

MELO, Rosilene Alves de. Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOUZA, Luana Rafaela dos Santos de. Literatura de Cordel: um recurso pedagógico. Artigo publicado na revista científica da FASETE, 2018.